SNS COMO RÓTULOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL: SIMPLES OU COMPLEXOS?

Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva
veraparedes@terra.com.br

Gabrieli Pereira Bezerra
gamari@ig.com.br

Este artigo pretende identificar e analisar sintagmas nominais inespecíficos que atuam como rótulos em um *corpus* de livros didáticos de História do Brasil. Além disso, propõe discutir, a partir da comparação com gêneros dos domínios acadêmico e jornalístico, o grau e o tipo de complexidade dos sintagmas nominais sob análise, a partir da hipótese de que a complexidade do sintagma nominal pode contribuir para a identificação do gênero em que se insere.
Palavras-chave: Sintagmas nominais; rótulos; referenciação; gêneros discursivos.

This article identifies and analyzes unespecific Noun Phrases used as labels in a *corpus* constituted by textbooks of Brazil's History. Furthermore, it proposes to discuss the degree and type of complexity of those NPs, taking into account evidence from other genres, from academic and journalistic domain. The hypothesis that the complexity of the Noun Phrase may contribute to the identification of discourse genres is our point of depart.
Key words: Noun phrases; labels; referentiation; discourse genres.

*

1.Introdução

Este artigo visa à análise da estrutura e da função de sintagmas nominais (doravante SNs) inespecíficos que atuam como rótulos numa coleção de livros didáticos contemporâneos de História do Brasil. Discute-se, também, o grau de complexidade desses SNs, a partir da proposta de que a complexidade do SN pode ser um parâmetro adicional na identificação dos gêneros de discurso (cf. Paredes Silva, 2009, 2011). Nesse sentido, é estabelecida

uma comparação com a complexidade de SNs em outros gêneros dos domínios acadêmico e jornalístico já analisados.

O uso de sintagmas nominais inespecíficos é uma das estratégias de referenciação empregada pelo produtor de um texto. Essa estratégia, nomeada por Francis ([1994] 2003) de "rotulação", pode assumir a função de introduzir objetos de discurso, conectar, sumarizar e organizar as partes do texto de diferentes extensões, ligando o que foi dito ao que será dito, contribuindo, assim, para a progressão textual. Além disso, o rótulo pode atribuir avaliação aos segmentos textuais em que está inserido. Vejamos um exemplo:

(1) A escravidão estimulou **pensamentos racistas**. Os brancos olhavam para a situação dos escravos e chegavam a uma conclusão absurda: "Eles foram escravizados porque são seres humanos inferiores aos europeus."[(1)]
Schmidt (2003:214)

No exemplo (1), temos um rótulo prospectivo (ou catafórico) constituído de um nome-núcleo- *pensamentos* e um modificador- *racistas*. Esse rótulo remete às informações subsequentes para que tenha seu significado devidamente compreendido, sendo também responsável por introduzir uma avaliação do produtor do texto sobre a informação-suporte[(2)].

Ao mesmo tempo, buscamos correlacionar a noção de referenciação à análise de gêneros e ao estudo dos SNs. Para Koch (2003), a competência sociocomunicativa dos falantes torna-os capazes de discernir o que é adequado ou não em determinada situação social, bem como de diferenciar os gêneros: anedota, poema, atas, cartas pessoais, notícias jornalísticas e outros. Torna-os, também, aptos a identificar as sequências que predominam em um texto: narrativa, expositiva, argumentativa ou descritiva, por exemplo.

Dentro dessa perspectiva, o livro didático pode ser classificado como *gênero secundário*, já que é uma unidade funcional utilizada em situações de "convívio cultural mais complexo" (cf. Bakhtin, 2003:263). Além disso, nesses livros, podem ser incorporados vários gêneros- notícia, banda desenhada, charge, etc. e convivem várias sequências textuais - argumentativas, expositivas, narrativas, etc.

---

(1) Somente os exemplos retirados do *corpus* em análise estão numerados e com o rótulo em negrito.

(2) Apothéloz & Chanet (2003) introduzem o termo *informação-suporte*. Para os autores, o termo se refere à proposição recuperada pela operação discursiva que designam de nomeação.

Este artigo está assim constituído: numa primeira parte, mencionamos os aspectos teóricos que fundamentam a análise. Em seguida, descrevemos o *corpus* e a metodologia utilizada. Seguem-se a análise propriamente dita e as considerações finais. As referências bibliográficas fecham o texto.

2. Fundamentação teórica

2.1. Relevância do SN no texto escrito formal

A análise da distribuição e função de sintagmas nominais em gêneros da fala e da escrita (cf. Paredes Silva 2005, 2007a, 2007b, 2008) tem revelado a relevância dessas construções em diversos gêneros investigados, seja por sua alta incidência, seja por seu papel de principais condutores do tema/tópico discursivo dos textos. Segundo Castilho(2010), já os gramáticos gregos apontavam que "os substantivos são o fundamento do texto, pois não se pode construir um texto sem utilizar essa classe". (Castilho, 2010:455). Tem-se observado, em especial, que gêneros jornalísticos opinativos (cf. Beltrão, 1980) como o *editorial,* o *artigo de opinião* e os gêneros acadêmicos escritos (tais como *artigos publicados em periódicos especializados, resumos de teses, e resumos para congressos*) são terreno particularmente fértil para o estudo dos SNs complexos. Afinal, é através dos SNs que se constroem os referentes no discurso, no processo de referenciação, e tais gêneros tendem a apresentar alto grau de complexidade.

O uso de SNs - particularmente aqueles com formas nominalizadas- é associado ao texto escrito formal e ao discurso científico (cf. Basílio, 1996). Chafe(1982), um dos pioneiros no estudo das relações fala/escrita, dá especial destaque às nominalizações, ao fazer uma relação de traços opositivos das duas modalidades. O fato de permitirem a compactação de informação numa "unidade ideacional"(3) a partir de uma base nominal é característico do texto escrito mais elaborado (cf. Chafe, 1982) ou de gêneros de fala que lançam mão de estratégias mais próprias da escrita (cf. Tannen,1982), já que esse tipo de construção exige um nível de planejamento que a fala natural (*on line*) não permite.

Assim, os SNs tem papel de destaque na continuidade tópica e na progressão temática do texto, assim como no seu propósito informativo. Os SNs que atuam como rótulos, também chamados encapsuladores, sendo compactadores, são responsáveis por mudar ou ligar os tópicos e contribuir,

(3) "O mecanismo de integração (de informação) mais característico em nossas amostras de língua escrita foi a nominalização" (Chafe: 1982, p.39)

também, na preservação da continuidade textual ao introduzir as informações novas dentro das velhas. Além disso, a escolha do SN a ser empregado revela o propósito comunicativo do produtor do texto.

Biber (1988, 1995) numa análise multidimensional dos *gêneros*, baseia-se em padrões de co-ocorrência de traços linguísticos computados em textos de diferentes gêneros. Entre os traços contabilizados, as *nominalizações* aparecem associadas à dimensão *informativa* do discurso.

No seu critério de dimensões ao longo das quais situa os gêneros, Biber (*op. cit*) salienta que a escolha precisa do item lexical e a cuidadosa integração de informação são aspectos ausentes de um discurso mais interativo, com maior grau de envolvimento entre os participantes, que seria, para o autor, a contrapartida da dimensão informacional do discurso (ilustrada, pelo autor, na escrita, por uma carta pessoal, por exemplo).

Estudos anteriores sobre SNs complexos em vários gêneros do domínio jornalístico e acadêmico (Paredes Silva, 2011,2012, Bastos, 2013, por exemplo) tem revelado uma escala de complexidade, a partir de critérios como: número de itens lexicais componentes do SN, presença ou não de modificadores, número e tipo de elemento encaixado à direita, presença de nominalizações e eventuais argumentos. Foi no domínio acadêmico que se encontraram índices mais altos de complexidade de SNs.

Observe-se o exemplo abaixo, extraído de uma resenha:

(i) O estudo apresenta *o embate ideológico das diferentes concepções sobre Reforma Agrária entre os entrevistadores e o entrevistado*.
(Melo, Rev. ANPOLL, n.9)

O SN destacado apresenta sete itens lexicais, havendo três nominalizações capazes de projetar argumentos à direita, complexificando o SN.

Assim, essa complexidade varia consoante o gênero em causa. Por exemplo, entre os gêneros jornalísticos investigados em Paredes Silva 2011, os artigos de opinião foram aqueles que apresentaram mais SNs complexos (cerca de 70%), enquanto que as crônicas, de estilo mais leve e coloquial, apresentam uma incidência bem mais baixa (30%).-

2.2. O SN na constituição do texto

Assim, se inicialmente tomamos como SNs complexos aqueles constituídos de mais elementos do que o determinante (artigo ou demonstrativo) e o nome núcleo, ou seja, aqueles que podem apresentar, além de determi-

nantes e quantificadores, modificadores à esquerda ou à direita do núcleo, constatamos que os casos de fato mais complexos são aqueles em que o SN se estende à direita, pelo acréscimo de complementos exigidos pelos itens que os constituem, itens esses identificados como nomes valenciais[4]. Incluem-se, ainda, os SNs de mais de um núcleo coordenado. O exemplo em itálico abaixo ilustra esses usos:

(i) *O aumento crescente das demandas sociais e a complexidade da sociedade moderna* reduziram drasticamente *a capacidade de investimento dos estados*
(Artigo de Opinião_ O Globo)

No exemplo acima, de alguma forma o núcleo é enriquecido, seja pela presença de modificadores (crescente, sociais, moderna), seja pela presença de vários Sintagmas Preposicionados (doravante SPreps). Entretanto, não é esse o padrão predominante dos SNs que funcionam como rótulos aqui analisados, como pretendemos demonstrar a seguir.

Assim, neste trabalho estamos considerando SNs complexos aqueles que envolvem mais de dois itens lexicais ou apresentam algum tipo de encaixe, como um SPrep ou uma oração adjetiva, conforme observamos abaixo:

(2) As greves geralmente eram organizadas pelos sindicatos. Na República Velha, foram fundados inúmeros *sindicatos*[5]. Mas não era nada fácil organizar um sindicato, promover uma greve. Washington Luís, que foi presidente do Brasil de 1926 a 1930, cunhou **uma frase que ficou famosa**: "*A questão social é um caso de polícia*"[6]. Percebeu o que ele quis dizer? Que se os trabalhadores estivessem passando fome e fizessem greve ("a questão social"), isso deveria ser resolvido pela polícia, que baixaria a paulada nos grevistas...
Schmidt (2003: 79)

No exemplo(2) acima, o SN *uma frase que ficou famosa* exerce o papel de rótulo ao necessariamente remeter ao segmento subsequente para ter seu significado compreendido.

---

(4) Adotamos, como Moura Neves (1996, 1999), a expressão *nomes valenciais* para nomes que apresentam uma estrutura argumental, podendo selecionar argumentos tal como um verbo.

(5) Grifo do autor.

(6) Grifo do autor.

Os rótulos apresentam outras funções importantes na organização textual, além da capacidade intrínseca, de referir ao que foi dito e/ou ao que será dito, citada no exemplo acima. Uma delas é a de mudar ou ligar os tópicos e contribuir, também, na preservação da continuidade textual ao introduzir as informações novas dentro das velhas. Koch (2003) também acrescenta que os rótulos desempenham ainda uma função cognitivo-discursiva relevante, porque ao remeter à informação-suporte, sumarizam-na. Nesse sentido, muitos rótulos são expressos por nominalizações (cf.Francis ([1994]2003) e Zamponi(2003). Dessa forma, o uso de rótulos é um recurso de coesão lexical muito comum em textos escritos, principalmente de natureza argumentativa.

2.3. O livro didático e a questão dos gêneros

Como se sabe, Bakhtin (2003:262) define os gêneros do discurso como "tipos relativamente estáveis de enunciados". Acrescenta, ainda, que há uma heterogeneidade de gêneros, mas os falantes podem discernir os gêneros mais estabilizados, pois estes estariam diretamente ligados às situações sociais.

Através da distinção que estabeleceu entre os gêneros primários (simples) e secundários (complexos), ampliou-se a concepção de gênero, que até então compreendia exclusivamente a produção literária, para integrar desde os gêneros do cotidiano à tese científica. Estariam incluídos entre os gêneros primários do discurso: o diálogo, a carta, a interação face-a-face, o bilhete, o relato cotidiano dentre outros. Já nos gêneros secundários inserem-se aqueles que estão relacionados às esferas mais complexas: romance, editorial, tese, anúncio, livro didático, palestra etc. Koch (2003:54) assinala que os enunciados por nós produzidos são situados sócio-historicamente, ou seja, estão imbricados nas situações sociais, sendo estas responsáveis pelos gêneros, os quais apresentarão características definidoras próprias e estão sujeitos a mudanças devido às transformações sociais e também a novos métodos de organização, o que se coaduna com a teoria dos gêneros de Bakhtin.

Marcuschi (2008:154) adota e defende a ideia de Bakhtin de que nos comunicamos por intermédio de textos que são realizações de um gênero. Acrescenta ainda que "em consequência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, tal como lembra muito bem Bakhtin, mas não infinitos." Marcuschi (2008) cita como exemplos de gêneros: sermão, carta

comercial, carta pessoal, bilhete, reportagem, aula expositiva, romance, horóscopo etc.

Ao conceito de gênero de discurso, acrescenta-se ainda a noção de *domínio discursivo*. Marcuschi (2008:23) emprega essa expressão para "designar uma esfera ou instância de produção discursiva." Segundo o autor, citando Bakhtin, "o domínio discursivo constitui muito mais uma "esfera da atividade humana" do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* (grifo do autor) (Marcuschi, 2008:155). Dessa forma, entende-se que um domínio discursivo pode dar origem a diversos gêneros. No domínio religioso, por exemplo, podemos ter: novenas, ladainhas, jaculatórias, sermões etc. Já no pedagógico, temos o livro didático, que na visão bakhtiniana poderia ser categorizado como pertencente a um gênero secundário, pois além da convivência de tipos textuais, há também a incorporação de outros gêneros sem que percam sua identidade: a charge, a transcrição de uma notícia, a banda desenhada entre outros, todos a serviço do propósito de ensinar.

A classificação do livro didático como gênero é problemática, como reconhece Marcuschi (2008), e não há unanimidade nesse ponto. Diferentemente da nossa abordagem, o autor considera o livro didático um suporte, e não um gênero. Argumenta ele que o livro, de um modo geral, é sempre suporte(7). Ao mesmo tempo, porém, reconhece haver elementos muito específicos no livro didático e uma "funcionalidade típica". Seria suporte para os vários gêneros que lá se podem abrigar. Mas esse, afinal, não é um traço dos chamados "gêneros secundários" como o romance, de acordo com Bakhtin? Além disso, há a questão do propósito comunicativo do gênero, da função primeira que desempenha, que não pode ser esquecida. Fica lançada, pois, a questão.

A multiplicidade de trabalhos desenvolvidos, nos dias atuais, em torno da questão dos gêneros, ocorre devido, principalmente, aos referenciais nacionais de ensino (Parâmetros Curriculares Nacionais) que enfatizam a importância do estudo dos gêneros textuais, os quais são considerados imprescindíveis na formação do aluno como leitor/ produtor de textos. Para Beth Marcuschi & Costa Val (2008:9) "trabalhar adequadamente um gênero seria levar os alunos a considerar seu suporte, sua esfera de circulação e os leitores a que se dirige."

---

(7) "Entendemos aqui como suporte de um gênero um *lócus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de um gênero materializado como texto" (Marcuschi, 2008:174)

3. *Corpus e* metodologia

A partir da constatação de que os livros didáticos de Língua Portuguesa têm sofrido mudanças a fim de se adequar aos debates em torno do ensino de língua materna, às contribuições trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) bem como aos subsídios fornecidos pelas avaliações sistemáticas do MEC[8], consideramos pertinente analisar um *corpus* constituído por uma coleção de livros didáticos de História do Brasil, uma vez que os PCNs de História ressaltam que um dos objetivos do ensino dessa disciplina é o contato com o texto, o desenvolvimento da capacidade interpretativa. Portanto, o *corpus* deste artigo é constituído da uma coleção de livros didáticos de História do Brasil – *Nova História Crítica*, de Mário Furley Schmidt, organizada em quatro volumes, destinados ao 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

A escolha dessa coleção foi motivada pelo fato de ser amplamente adotada na rede de ensino da cidade do Rio de Janeiro e, por essa razão, ser um dos livros didáticos mais vendidos na atualidade[9].No entanto, uma polêmica formou-se em torno da coleção ao ser reprovada, na avaliação do MEC no ano de 2007, para alunos de Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e aprovada para os alunos de Ensino Médio, já que as coleções foram avaliadas por equipes distintas, provenientes de diferentes universidades[10].

Para realização deste artigo, utilizamos parte dos dados coletados para a tese de Bezerra 2010, que consistiu em uma análise comparativa, abrangendo três períodos da história do Brasil - pré-regime militar, período do regime militar e período contemporâneo. Optamos aqui por utilizar somente um dos autores devido à exiguidade de espaço.

A partir da leitura dos capítulos correspondentes aos principais temas recorrentes em livros de História do Brasil, identificamos, conforme nosso objetivo inicial, duzentos e nove SNs que funcionavam como rótulos nos textos de Schmidt, já que atendiam ao critério proposto por Francis

---

(8) Ministério da Educação e Cultura

(9) Desde 1998, quando esse livro passou a integrar a lista de recomendação do MEC, cerca de 28 milhões de livros foram vendidos para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental e Médio de todo o país, segundo parecer da editora Nova Geração.

(10) A primeira coleção foi avaliada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a segunda pela Universidade Federal Fluminense. Houve, então, o questionamento de que a reprovação envolveria aspectos políticos, e não apenas pedagógicos. Essa discussão acabou ganhando as páginas dos jornais em setembro de 2007, despertando o interesse do público em geral, e chegou a ser debatida durante semanas em jornais e telejornais.

(1994:192) "... um elemento nominal inerentemente não-específico cujo significado no discurso necessita ser precisamente decifrado."

A fim de analisarmos esses duzentos e nove rótulos identificados no *corpus*, usamos, ao mesmo tempo, uma metodologia quantitativa e qualitativa, examinando-os sob vários aspectos: seu caráter retrospectivo ou prospectivo, a presença ou não de modificador, o determinante empregado, a semântica do nome-núcleo e a localização desse SN no texto.

Para aferir a importância e simultaneamente a correlação entre esses aspectos, utilizamos uma análise quantitativa que, através dos cálculos percentuais, atribuísse maior confiabilidade e permitisse lidar melhor com os dados e suas características, conduzindo a afirmações empiricamente comprovadas.[11].

4.Análise dos rótulos

Nos livros didáticos de História do Brasil analisados, identificamos que o rótulo pode ser constituído somente do nome-núcleo ou ser precedido de determinante e/ou modificador. Vejamos o esquema abaixo:

- Nome
- Determinante + Nome
- Determinante + Modificador(es) + Nome+ Modificador(es)

Conforme se sabe, o modificador pode ocorrer tanto à esquerda quanto à direita do nome-núcleo: à esquerda temos o adjetivo e à direita podemos ter um adjetivo, SPrep ou uma oração relativa. Estamos designando como *determinante*, de modo bastante amplo, o elemento à esquerda que precede o nome-núcleo, mas não o qualifica tal como faz um adjetivo[12]. Abaixo, observamos o rótulo constituído somente do nome-núcleo.

(3) Tudo isso nos revela que **idéias** como "os negros se submetiam com mais facilidade que os índios" e "os negros sempre foram mais passivos, aceitando humildemente sua situação" não passam de um preconceito idiota(e será que existe algum preconceito que não seja idiota?).
Schmidt (2003:208)

(11) Para esses cálculos, lançamos mão de parte do pacote estatístico GOLDVARB.

(12) Estamos utilizando o termo determinante de forma bastante abrangente, para incluir artigos, possessivos, demonstrativos, à semelhança dos especificadores de Castilho(2010:454.)

(4) Você notou como iam se acumulando **motivos** para o exército rejeitar o império?[13]
Schmidt (2003:310)

A análise do *corpus* evidenciou, contudo, que o rótulo na sua configuração mínima, isto é, constituído apenas do nome nuclear, é pouco frequente nos dados, havendo apenas três ocorrências. No primeiro exemplo, temos um rótulo prospectivo na forma plural - *idéias*-, que remete a uma série de informações colocadas entre aspas pelo autor do texto, o que, de certa forma, contribui para que o leitor localize as informações e, ao mesmo tempo, o exime da responsabilidade de incorporá-las. Já no segundo exemplo, o rótulo *motivos* insere-se em um contexto que trata da relação existente entre os militares e a queda do império, retomando todas as informações anteriores à ocorrência do nome-núcleo. Como observamos nos dois exemplos acima, o rótulo, por ser inerentemente inespecífico, remete a outras porções textuais para a sua realização lexical, funcionando anafórica e/ou cataforicamente.

(5) Os positivistas sonhavam com a "ditadura dos cientistas", e alguns militares sonhavam com a "ditadura militar". Os fazendeiros paulistas adotavam o liberalismo político inspirado no regime dos EUA e no darwinismo social, uma espécie de "cada um por si no vale-tudo do mercado". Os republicanos radicais imaginavam que o novo regime faria como o Brasil o que a revolução de 1789 tinha feito com a França: iria estabelecer a liberdade e a igualdade, garantir os direitos dos cidadãos.
Todas essas questões eram importantes.
Schmidt (2003:37)

(6) O papa Pio IX era contrário à maçonaria por **dois motivos**: ele não aceitava as idéias místicas dos maçons nem suas propostas políticas liberais.
Schmidt (2003:311)

Quanto ao exemplo (5) notamos que, na primeira parte do texto, é apontada uma série de questões sobre o sistema de governo. A presença do quantificador *todas* mostra que a retomada diz respeito à totalidade do que foi exposto. Além disso, o demonstrativo *essas*, dentre outros aspectos aponta a localização na porção textual das questões abordadas.

---

(13) O rótulo *motivos* remete a toda seção em que aparece inserido, por isso optamos por transcrever somente o trecho no qual ele ocorre.

Já os numerais fazem parte da configuração de muitos rótulos prospectivos, como no exemplo (6) acima, pois, ao funcionarem como organizadores textuais, fornecem pistas ao leitor de como o texto será estruturado, servindo como diz Francis ([1994] 2003:223) para "... sequenciar estágios de um argumento...". Por isso, o uso do numeral *dois* como parte integrante deste rótulo, antecipa ao leitor a quantidade de informação que ele deve procurar na sequência, para que possa entender a rejeição do Papa Pio IX à maçonaria. Percebe-se, então, nesses casos, que os determinantes que acompanham os nomes-núcleo adicionam informações a ele, assim como os modificadores, conforme os exemplos a seguir:

(7) A escravidão estimulou **pensamentos racistas**. Os brancos olhavam para a situação dos escravos e chegavam a **uma conclusão absurda**: "Eles foram escravizados porque são seres humanos inferiores aos europeus". Daí foi um passo para acreditarem que negros e índios faziam parte de uma raça inferior que merecia ser dominada pelos brancos. **Essa idéia falsa** se espalhou no século XIX, e até hoje, na entrada do século XXI, ainda tem gente que acredita nela.
Schmidt (2003:214)

(8) As greves geralmente eram organizadas pelos sindicatos. Na República Velha, foram fundados inúmeros *sindicatos*(14). Mas não era nada fácil organizar um sindicato, promover uma greve. Washington Luís, que foi presidente do Brasil de 1926 a 1930, cunhou **uma frase que ficou famosa**: "*A questão social é um caso de polícia*"(15). Percebeu o que ele quis dizer? Que se os trabalhadores estivessem passando fome e fizessem greve ("a questão social"), isso deveria ser resolvido pela polícia, que baixaria a paulada nos grevistas...
Schmidt (2003: 79)

(9) E o que a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana tinham de diferente? Para começar, **a situação das pessoas** nas duas regiões. Em Minas Gerais, o tormento era a decadência do ouro e os impostos absurdos cobrados por Portugal. Você se lembra de que os inconfidentes queriam que a revolta acontecesse no dia da derrama? Na Bahia, o problema era outro. Você se recorda que no final do século XVIII, os preços internacionais do açúcar subiram. Então, muitos senhores de engenho voltaram a plantar bastante cana.

---

(14) Grifo do autor.
(15) Grifo do autor.

Schmidt (2003: 101)

No exemplo (7), temos a ocorrência de três rótulos, os quais têm seus nomes nucleares modificados por adjetivos, que imprimem nesse contexto um valor axiológico negativo. Já em (8), o nome-núcleo *frase* é modificado pela oração relativa *que ficou famosa*, o que confere ao SN alguma complexidade. No exemplo (9), o termo *situação* é modificado pelo sintagma preposicionado *das pessoas*.

O emprego de modificadores, conforme a Tabela 2 abaixo, ocorre em 44% dos dados analisados; nos demais casos, que representam 56% dos dados, o nome-núcleo aparece sozinho ou acompanhado de determinante, o qual também tem um papel de destaque no emprego dos rótulos devido principalmente ao caráter organizador.

Tabela 2: Frequência do uso dos modificadores em Schmidt

Sem modificador	118=56%
Com modificador	91=44%
Total	209

Já a Tabela 3 nos mostra a posição dos modificadores e ressalta que a posição à direita do nome-núcleo é ocupada em 78% dos casos. No entanto, é preciso destacar que o uso do adjetivo é favorecido, pois há apenas seis ocorrências de SPrep e três de orações relativas no *corpus* analisado. O fato de termos modificadores expressos num único item lexical e preferencialmente à direita, sua posição canônica, confere uma dimensão de "baixa complexidade" a esses SNs. Veja-se, inclusive, que em apenas 2% dos casos temos modificadores nas duas posições.

Tabela 3: Posição do modificador em relação ao nome-núcleo

Direita	71=78%
Esquerda	18=20%
Direita e esquerda	2=2%
Total	91

A partir da análise do exemplo (7), percebemos que, ao avaliar ou mesmo reavaliar a informação-suporte, o modificador pode atribuir um valor axiológico, quer negativo quer positivo ao nome-núcleo, tal como

sinaliza Conte (2003:181) ao discutir o fenômeno do encapsulamento anafórico. Segundo a autora, a avaliação dos conteúdos do cotexto pode tanto ser operada pelo nome-núcleo quanto pelo adjetivo avaliativo. Vejamos alguns exemplos adicionais:

(10) Você sacou a relação existente entre Estado absolutista, mercantilismo, apoio do Estado à burguesia e expansão marítima? Agora, **uma informação preciosa**: o primeiro Estado absolutista a se formar na Europa foi Portugal! A conclusão que você pode tirar é que Portugal foi pioneiro na expansão marítima porque foi o primeiro país europeu a construir um Estado absolutista capaz de apoiar as navegações.
Schmidt (2003:97)

Destacamos, no exemplo (10), o alto valor atribuído pelo modificador *preciosa*, dado ao conteúdo subsequente, a fim de que o leitor possa concluir o motivo que levou Portugal ao pioneirismo na expansão marítima. Em oposição, temos o exemplo seguinte (11), no qual o rótulo *amarga surpresa*, responsável por introduzir uma avaliação negativa, antecipa ao leitor que a informação-suporte não corresponde à expectativa de Cabral.

(11) Do Brasil, Cabral seguiu para a Índia, seu principal objetivo. Mas os árabes já estavam informados do sucesso de Vasco da Gama e, então, pressionaram as autoridades indianas a não comerciarem com os portugueses.
Quando Cabral chegou à Índia, teve **a amarga surpresa**. Os indianos não queriam comerciar. Preferiam os mercadores árabes. E agora? O que fazer? Viajar tanto tempo para nada?
Schmidt (2003:107)

Portanto, como podemos observar nos exemplos acima, o adjetivo adiciona significados ao nome-núcleo, nesses casos atribuindo um caráter avaliativo – positivo/negativo. O uso de modificadores tem um papel relevante, já que o rótulo não pode ser considerado apenas a partir do seu nome-núcleo, mas sim por todos os elementos que o constituem, ou seja, o SN como um todo.

Entretanto, Lapa (1970:107) nos assinala a necessidade de termos cuidado com o uso dos adjetivos, já que alguns adjetivos não acrescentam conteúdos por serem um "caracterizador banal que serve para tudo".

O exemplo abaixo ratifica o comentário de Lapa (1970) ao ter como modificador o adjetivo *interessante*. Segundo Lapa (*op. cit.*), é um adjetivo a evitar. Por que teria Schmidt (2003) usado, então, esse recurso? Precisa-

mos ter em mente o propósito do *corpus* sob análise – ensinar – e o público alvo – alunos do ensino fundamental - que são leitores em formação, para compreender as razões do autor, ou seja, este se preocupou em empregar uma linguagem que chamasse a atenção do seu público leitor a fim de tentar atraí-lo.

-

(12) **Uma pergunta interessante**: por que os brasileiros nordestinos não foram utilizados nas fazendas de café do Sudeste?
Schmidt (2003:287)

Também Francis ([1994] 2003:217) discute essa questão ao mostrar que alguns adjetivos acrescentam pouco conteúdo ao núcleo que acompanham. Por exemplo, para a autora, o adjetivo *básica* não seria a melhor opção para acompanhar o nome-núcleo *verdade*, pelo fato de não existirem "...verdades que não são básicas...". Assim parece que os dois autores criticam o uso do lugar comum. Vejamos o exemplo que a autora apresenta:

> A pressão determina o ritmo e, embora possa ser previsível por uma boa pesquisa de opinião, ela não nos diz nada sobre qualquer eleição que não seja a de hoje em Monmouth. Contudo, ninguém tem interesse *nessa verdade básica*. A comunidade política está viciada em toda corrida de cavalo que puder encontrar..
> (Francis, *op. cit.*)

A partir da análise dos constituintes dos rótulos apresentada acima, podemos considerar que tais SNs podem apresentar certa complexidade (exemplos (7) e (8)), já que "entende-se como SNs complexos aqueles que, além de determinante e núcleo, apresentam modificadores e/ou complementadores. (Paredes Silva, 2011). Entretanto, comparativamente com outros gêneros, o seu grau de complexidade é relativamente baixo. A natureza coloquial do texto de Schmidt(2003) é um dos fatores que poderia ser apontado como responsável pela incidência de SNs de baixa complexidade entre os dados.

No tripé (conteúdo temático, estrutura organizacional, estilo), base do gênero, segundo Bakhtin, esse coloquialismo caracterizaria o estilo, as escolhas lexicais, como se percebe nos exemplos a seguir. Trata-se de estratégias utilizadas pelo autor nesta busca pela aproximação e atração do leitor para o conteúdo veiculado. Por exemplo, temos o uso de gírias (*mixuruca, sacou*), o uso de frases feitas (*tudo está bem quando acaba bem*) e o uso do marcador discursivo **bem** que, segundo Risso (1999:260), é comum em textos da fala, exercendo a função de iniciar um turno de resposta em estrutu-

ras conversacionais, introduzindo o que será dito a seguir. Isso confere um tom de conversa ao texto escrito.

> **Puxa**, se era tão vantajoso o emprego do trabalho livre, por que então o Brasil teve escravos?
> Schmidt (2003:289)

> Vão trabalhar a vida toda, sem parar. No final da vida, velhinhos, com um salário de aposentadoria bem **mixuruca,** ainda terão de ouvir: "Esse velho é pobre porque nunca foi chegado ao trabalho"...
> Schmidt (2003:208)

> Perceba um aspecto muito importante: os italianos e os alemães que foram para o Sul tiveram o privilégio de ir para a única região onde ocorreu uma razoável distribuição de terras... **sacou**?
> Schmidt (2003:286)

> Os próprios fazendeiros participavam das comemorações. Era como dissessem: **tudo está bem quando acaba bem**.
> Schmidt (2003:296)

> **Bem**, você sabe que, se o escravo fizesse corpo mole, o capataz dava logo uns tapas no coitado.
> Schmidt (2003:212)

Schmidt (2003)[16] busca contar os vários ângulos do fato que é exposto, a fim de construir com o aluno a sua "versão" da História, como nos diz o autor no manual do professor nos trechos abaixo (p.14-15):

> Como podemos estimular os alunos a estudar História, se os livros didáticos permanecem com uma linguagem seca, complicada, monótona? Estilo pesado, talvez encobrindo alguma frustração acadêmica e incapacidade de revelar ao estudante as conexões do estudo com suas aspirações cotidianas. Como é que alguém pode ter coragem de escrever um livro para 5ª ou 6ª série – para meninas e meninos de 10 a 12 anos de idade, ainda no começo da sua vida intelectual – com uma linguagem apropriada às teses de doutorado? [...]
> Por isso, não hesitamos em utilizar uma linguagem em estilo próximo do coloquial. Frases curtas, vocabulário simples (mas não ingênuo ou empobrecido), estilo dinâmico, tudo aquilo que dê a impressão de estarmos "batendo um papo" com o leitor. O livro deve ser amigo, aquele a quem nos dirigimos, com

(16) A partir de conversas informais com professores de História do Brasil e com os próprios alunos, observa-se que seus livros têm uma boa receptividade entre público jovem.

quem concordamos e discordamos, e que enxergamos de maneira diferente a cada leitura.

Diante da necessidade apontada acima pelo próprio Schmidt(2003) de que seu livro didático[17] tenha uma linguagem próxima à de um adolescente, identificamos dentre os dados analisados apenas quatorze SNs de maior complexidade, os quais, apesar serem categorizados dessa forma, não apresentam uma carga informativa tão densa quanto um texto escrito formal, devido principalmente à ausência de nomes valenciais que causariam o prolongamento do SN à direita. Vejam-se os exemplos: o primeiro do *corpus* em análise e o segundo de Paredes Silva(2011), já mencionado em 2.2.

(13) Há **uma coisa que chama bastante a atenção**: o mapa do século XVI mostra muitas coisas que o mapa do século XV simplesmente ignorava.
Schmidt (2003:93)

(i) *O aumento crescente das demandas sociais e a complexidade da sociedade moderna* reduziram drasticamente *a capacidade de investimento dos estados.*
(Opinião_ O Globo)

Além disso, como o rótulo, geralmente, está localizado em pontos que Conte(2003) chama de "nodais", como o início de um parágrafo, a plena compreensão do rótulo torna-se fundamental para que o leitor, principalmente esse leitor em formação, identifique informações essenciais no desenvolvimento do texto. Esse fato também justificaria o favorecimento do emprego de SNs de menor complexidade no papel de rótulos no *corpus* analisado, que apresenta um caráter mais informal, visando à aproximação de seu leitor. No exemplo(6), retomado como (14) abaixo, vimos que o rótulo *dois motivos* ocorre em início de parágrafo, preparando o leitor para o que será desenvolvido a seguir,como uma estratégia de organização do texto.

(14) O papa Pio IX era contrário à maçonaria por **dois motivos**: ele não aceitava as idéias místicas dos maçons nem suas propostas políticas liberais.
Schmidt (2003:311)

---

(17) Isso nos mostra a capacidade do gênero livro didático de se modificar e reorganizar conforme as mudanças sociais, pois, em outras coleções analisadas em Bezerra(2010) de décadas anteriores, não se evidenciava a preocupação com o público leitor.

Podemos observar que nos trechos analisados, há variados SNs complexos, mas não possuem o traço característico do rótulo: ser inerentemente inespecífico. Vejam-se os exemplos abaixo:

> A cidade havia crescido, as ruas agora eram iluminadas por lampião a gás, em vez d**o velho lampião fedorento a óleo de baleia**, havia bondes puxados por burros, lojas e mais lojas. A limpeza urbana tinha começado a ser feita pela firma Aleixo Gary, que possuía empregados (lixeiros) logo apelidados de garis. Apareciam fábricas, bancos, companhias de seguro, estradas de ferro, empresas capitalistas. Desde 1850 havia **uma linha regular de navios a vapor ligando o Rio a Londres.** Era a modernidade chegando de mansinho na capital do Império.
> Schmidt (2003: 292)

Observamos que os SNs complexos *o velho lampião fedorento a óleo de baleia* e *uma linha regular de navio a vapor ligando o Rio a Londres,* em comparação com o exemplo apresentado em Paredes Silva(2011)acima apresentam quanto à semântica e à sintaxe do nome-núcleo um menor grau de complexidade, pois privilegiam o emprego de nomes designadores de pessoas, lugares e objetos; no lugar de nominalizações, as quais possuem densa carga informativa e, ao mesmo tempo, requerem uma maior capacidade interpretativa.

O baixo grau de complexidade dos SNs que funcionam como rótulos em livros didáticos encontra paralelo nos artigos de divulgação científica. Em dissertação recente, Bastos(2013) estudou SNs complexos em exemplares de duas revistas de divulgação científica[18] vendidas em bancas de jornais do Rio de Janeiro: Superinteressante e Galileu[19].Apesar da alta incidência de nominalizações (mais de 50% dos casos) raramente explicitavam os argumentos projetados. Tal como os livros didáticos, a proposta dessas revistas é atingir um público jovem, com assuntos (temas) da atualidade. Seguem-se dois exemplos. No primeiro deles, de tipo menos frequente, SNs complexos cujo núcleo são formas nominalizadas projetam seus argumentos, estendendo o SN para a direita:

---

(18) Seu estudo, baseado em artigos de capa de 20 revistas, não se restringiu a SNs /rótulos, mas compreendeu SNs em função de sujeito e de objeto, alguns dos quais funcionavam como rótulos. Seus objetivos eram, além de verificar o grau de complexidade dos SNs de tais artigos, correlacionar esse aspecto com a caracterização do gênero em questão. (cf. Bastos, 2013)

(19) As revistas escolhidas são aquelas de maior tiragem e aceitação pelo público jovem.

(i) Apesar de existir *uma variação diária nas concentrações de hormônios masculinos e femininos* (...) não existe *nenhuma relação comprovada entre esse sobe e desce e picos diários de fertilidade ou libido*
Bastos(2013:55)

Já no segundo exemplo, do tipo mais frequente, apesar de haver uma nominalização funcionando como elemento encapsulador *-controle*, nominalização essa que poderia projetar um ou mais argumentos, estes se depreendem do co-texto e não se explicitam, tornando o SN menos complexo:

(i) Contra esse tipo de atraso, psicólogos (...) têm se rendido ao que eles chamam de 'vontade estendida' – ferramentas externas que ajudam a nossa parte que quer trabalhar. Um estudo do M.I.T. mostra que esse *controle* não precisa vir necessariamente de cima para baixo. Confrontados com as opções de entregar todos os trabalhos no fim do semestre ou acertar datas de entrega diferentes, a maioria preferiu a segunda alternativa. Moral da história: em vez de se expor à vagabundagem involuntária, eles preferiram [um *controle* externo] para fazer o que racionalmente queriam – estudar."
Bastos(2013:55)

Ao mesmo tempo, artigos acadêmicos publicados em periódicos especializados, pertencentes ao domínio acadêmico; ou artigos de opinião, do domínio jornalístico, conforme os dois exemplos que se seguem, respectivamente, são aqueles em que mais se destacam os SNs complexos, fazendo valer a máxima de Chafe(1982) sobre a importância das nominalizações no texto escrito formal e na função de compactação de informação.

(i) *As duas seções que se seguem* dedicam-se, respectivamente, a expor e discutir *esses dois movimentos da filosofia da linguagem de Wittgenstein: a elicitação e a crítica de uma determinada compreensão hegemônica da linguagem e do significado..(Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein*)
(Artigo publicado na Revista Veredas- UFJF)

(ii) Lula comemorou com uma festa *a doação de R$13 milhões dos "meus amigos da Febraban" para as cisternas do Fome Zero*
(Opinião – Chega de sábios, precisa-se de bravatas – Globo)

Observe-se, no último exemplo acima, um caso raro: uma nominalização que projeta todos os argumentos do verbo relacionado, externo e

internos: X ("meus amigos da Febraban") doa Y (R$13 milhões) a Z (para as cisternas do Fome Zero).

Por outro lado, gêneros jornalísticos de estilo mais informal, como a crônica, também se destacam por explorar preferencialmente os modificadores na constituição do SN**.** No entanto, rótulos também ocorrem. Vejam-se os exemplos, respectivamente:

(i) (…) pediu um prato de queijo minas sem tempero.
(Crônica_ Arthur Xexeo O Globo)

(ii) Há *uma civilização carioca de delícias que aos poucos se esvai.*
(Crônica_ Joaquim Ferreira dos Santos- O Globo)

É certo que em tais estudos não nos restringimos ao exame dos rótulos, mas dos SNs complexos, de um modo geral. Entretanto, é possível fazer algumas comparações, que auxiliam na identidade dos gêneros de discurso e domínios discursivos examinados.

5.Considerações Finais

Observamos no *corpus* de livros didáticos analisado que há SNs os quais atuam dentro do texto retomando ou apontando informações, sendo, então, responsáveis por organizar as partes em que se inserem, bem como introduzir simultaneamente objetos de discurso. Tais SNs assumem o papel de rótulos.

Ao verificar a constituição dos rótulos, notamos que estes podem ter apenas o nome-núcleo, assim como vir acompanhado de determinante e/ou modificador. Diante da primeira possibilidade, os que se apresentam com mais de dois itens lexicais já indicariam certo grau de complexidade.

A análise dos dados nos mostrou que, dentre os rótulos identificados, a maior parte não poderia ser categorizada como SNs complexos, já que 56% dos dados eram constituídos apenas de nome-núcleo ou nome-núcleo acompanhado de determinante. Desta forma, o *corpus* analisado apesar de ser constituído por texto escrito, revelou uma baixa complexidade quanto ao emprego dos rótulos, o que pode ser relacionado à própria função organizadora do rótulo no texto. A partir dessa constatação, vimos também que os rótulos eram constituídos em sua maioria de nomes-núcleos genéricos e os modificadores empregados visavam antes a estabelecer valores axiológicos, relevantes na condução de um discurso argumentativo.

Na comparação com o gênero mais próximo(20) (em termos de propósito comunicativo e público alvo) o artigo de divulgação científica, também encontramos baixo grau de complexidade, em termos de tendência ao prolongamento à direita do SN, com Spreps ou orações encaixadas. Diferenciam-se, entretanto, pela alta incidência de nominalizações, neste último, muitas delas funcionando como rótulos.

O SN complexo é sem dúvida um recurso da escrita formal, comprovando Chafe (1982), mais presente em textos dirigidos a leitores mais proficientes Por outro lado, aqueles que se aproximam de artigos em periódicos especializados, resenhas de livros, *abstracts* de teses supõe-se que sejam leitores familiarizados com esses recursos e preparados para enfrentá-los, diferentemente dos jovens que pretendemos conquistar para a leitura, nesses tempos de reinado da informática.

6. Referências

Apotheloz, D. & Chanet, C. (2003), Definido e demonstrativo nas nomeações. In: Cavalcante, M., Biasi-Rodrigues, B;Ciulla, A. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.131-76.

Basilio, M. (2004).*Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo, Contexto.

Bastos, M.Ximenes (2013), *O uso de Sintagmas Nominais complexos em artigos de divulgação científica* Dissertação de Mestrado em Linguística . Rio de Janeiro,UFRJ.

Bakhtin, Mikail (2003), *Estética da criação verbal.* 4ed. São Paulo: Martins Fontes.

Beltrão, L.(1980), *Jornalismo opinativo.* Porto Alegre, Sulina.

Bezerra, Gabrieli Pereira (2010), *Sintagmas nominais como rótulos em livros didáticos de História do Brasil.* Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.

Biber, D. (1998), *Variation across speech and writing.* Cambridge:Cambridge University Press.

Castilho,A.(2010), *Nova Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo, Contexto.

Chafe, W. (1982), Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: Tannen,D. (ed) *Spoken and written language: exploring orality and literacy.* Norwood, N.J. Ablex,p.35-53.

Conte, M. (2003), Encapsulamento anafórico. In: Cavalcante, M. , Rodrigues, B & Ciulla, A (orgs.).*Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.177-190.

(20) Considerando-se aqueles gêneros que já foram investigados sob a mesma perspectiva, da complexidade dos SNs.

Francis, Gill (2003), Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, Malcolm. *Advances in Written text analysis.* London: Routledge, p.83-101, 1994./ Trad. Monica Cavalcante *et al.*;revisão Alena Ciulia. In: Cavalcante, M., Rodrigues, B & Ciulla, A (orgs.).*Referenciação*. São Paulo: Contexto, p.191- 228.

Koch, Ingedore (2003), *Desvendando os segredos do Texto*. São Paulo: Cortez.

Lapa, M.R. (1970) *Estilística da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Acadêmica.

Marcuschi, B. & Costa Val, C. (2008), Gêneros textuais no espaço extra-escolar e na sala de aula. In: *Na ponta do lápis*. São Paulo, n° 9, jun, p. 8-9.

Marcuschi, Luiz Antonio (2008),*Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental (1997),– Brasília: MEC/SEF.

Paredes Silva, V.L. (2005), *Referencia(ção), repetição e gêneros jornalísticos*. Participação em mesa-redonda do XIII Encontro da Assel-Rio. UFF, outubro/2005.(mimeo).

——.(2007a), A continuidade de referência em gêneros da escrita e da fala no português brasileiro. In: LOBO, M & Coutinho, M. A (orgs) *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Textos Selecionados*. Lisboa, APL.

——.(2007b), Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da escrita e da fala. *Revista Lingüística n. 3* Programa de Pós graduação em Lingüística da UFRJ.

——.(2008), Desfazendo um mito: a repetição na escrita e suas funções. In:Roncarati, C.& Abraçado, J.*O Português Brasileiro 2* .Niterói, EDUFF, p.334-344.

——.(2011), *O uso de sintagmas nominais complexos em gêneros jornalísticos e acadêmicos.*

Palestra ministrada no Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade do Minho. Braga,17 de junho de 2011. (17 p. mimeo)

Risso, Mercedes Sanfelice (1999), Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah,* no português culto falado. In: Neves, Maria Helena de Moura(org.). *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, p. 259-296.

Zamponi, Graziela (2003), *Processos de referenciação:* anáforas associativas e nominalizações. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

Corpus

Schmidt, Mario Furley (2003), *Nova História Crítica* .v.1-4. São Paulo: Nova Geração.